

Internet: ruptura nos consagrados modelos educacionais

É consensual que a internet representa uma ruptura em relação aos consagrados modelos educacionais e pedagógicos, justificando a divisão a.w. (antes da web) e d.w. (depois da web). Diante de nós, descortina-se o fascinante e falacioso mundo do www. A bem da verdade, em nenhum momento da história se ofereceu acesso ao conhecimento de maneira tão ampla e democrática.

A contrapartida é que metade de seus bites é descartável, fútil ou pernicioso, especialmente às nossas crianças e adolescentes. Pesquisa divulgada pelo Comitê Gestor da Internet (CGI) em junho de 2013 comprova que 47% dos brasileiros de 9 a 16 anos utilizam o sedutor mundo digital todos os dias, percentual que, na faixa etária dos 15 aos 16 anos, sobe para 83%.

Em 2012, a empresa digital Symantec pesquisou o tempo gasto online pelos adolescentes em 14 países, resultando uma média de 11,4 horas semanais. Os brasileiros foram campeoníssimos, com 18 horas. Há os que vão além de 3,5 horas diárias, sacrificando socialização, horas de sono, cooperação doméstica, compleição física e, sobretudo, estudos e boas leituras. Conectam-se com pessoas de Chicago, Amsterdã ou Sydney e mal cumprimentam os vizinhos de porta.

À onipresente interação dos jovens com as telas se faz oportuna a frase do filósofo francês Michel Serres: “A pedagogia modificou-se completamente com as novas tecnologias.” Uma síntese do último livro desse filósofo: o ambiente mudou tanto que dá para afirmar que esses jovens são novos seres humanos. Quanto à conduta é inegável, talvez dentro do cérebro humano também, pois pesquisas de neurocientistas já sinalizam que a era digital está alterando as conexões neuronais.

Na internet prevalece a popular alegoria da lua cheia: sedutora e brilhante, mas com seu lado oculto. Educar é uma árdua tarefa - certamente a mais nobre - e requer vigilância, controle, diálogo. Os pais - fruto de sua experiência - devem conhecer os sites e os games que os filhos usam e orientá-los dentro dos conceitos de segurança e ética. Vivemos em um mundo cada vez mais complexo, porém nenhuma tecnologia suplanta ou dispensa a presença cuidadora, afetiva e disciplinadora dos pais, mormente no repasse de valores e modelos. ■



Jacir J. Venturi

Professor aposentado da UFPR e da PUC-PR, hoje professor da Universidade Positivo e presidente do Sinepe/PR
jacirventuri@hotmail.com